

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VALÉRIA FELCZAK

**A EXPLORAÇÃO DA ERVA-MATE:
UM VIÉS HISTÓRICO-AMBIENTAL SOBRE O VALE DO RIO NEGRO**

Florianópolis

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VALÉRIA FELCZAK

**A EXPLORAÇÃO DA ERVA-MATE:
UM VIÉS HISTÓRICO-AMBIENTAL SOBRE O VALE DO RIO NEGRO**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel e licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da professora Dra. Eunice Sueli Nodari.

Florianópolis

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CFH

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e nove dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezoito, às 10 horas e 00 minutos, no Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental - LABIMHA, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Dr. Manoel Pereira Rego Teixeira dos Santos (Titular); Prof^a. Dr^a: Elenita Malta Pereira (Titular); Ms Fabiana Carla Guarez (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 45/HST/CFH/2018, a fim de arguirm sobre o Trabalho de Conclusão de Curso da Acadêmica Valéria Felczak, intitulado: "A EXPLORAÇÃO DA ERVA-MATE: Um viés Histórico-Ambiental sobre o Vale do rio Negro". Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, a Acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof^a. Dr^a: Eunice Sueli Nodari, nota 9,0, Prof^a. Dr^a: Elenita Malta Pereira, nota 9,0, Ms Fabiana Carla Guarez, nota 9,0, sendo a acadêmica aprovada com a nota final 9,0. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 04 de dezembro de 2018. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 29 de novembro de 2018.

Prof Dr Manoel Pereira Rego Teixeira dos Santos (Presidente da Banca)

Prof.ª Dr.ª Elenita Malta Pereira (Titular)

Prof.ª Dr.ª Fabiana Carla Guarez (Suplente)

Valéria Felczak



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) **Valéria Felczak**, matrícula n.º **14101978**, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **“A EXPLORAÇÃO DA ERVA-MATE: UM VIÉS HISTÓRICO-AMBIENTAL SOBRE O VALE DO RIO NEGRO”**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 04 de dezembro de 2018.

Assinatura manuscrita em tinta preta, legível como 'Simone Sueli Molinari'.

Orientador(a)

Este trabalho é dedicado à:

Todos os professores que de alguma maneira foram importantes na minha jornada escolar, desde a infância a universidade. Sobretudo aos do Colégio Excelência, que proporcionaram descobertas inovadoras e auxiliaram na escolha do meu curso. Também aos mestres historiadores que encontrei pelos caminhos da UFSC.

Ao professor João Klug, que deu as primeiras dicas para eu seguir nesta temática, e a minha orientadora, professora Eunice, que me ajudou a finalizar este estudo.

Agradeço ainda, aos colegas e amigos que formei durante todo o ciclo da vida, principalmente os que se mantiveram ao meu lado nos últimos meses e acompanharam minha pesquisa de perto, aceitando meus convites para o chimarrão e passeios inusitados. Em especial aos melhores amigos que aguentaram meus devaneios em casa, em Mafra, ou no bar.

Aos participantes do grupo NUHAS e a Naturalina que junto as palhaçadas no hospital me faziam sorrir cada dia mais e me davam forças para seguir em meio a loucura universitária.

Por fim, agradeço imensamente a minha família, que sempre se manteve ao meu lado, apoiando de longe meus desafios e celebrando minhas conquistas diariamente.

Minha irmã que apesar do ciúme, sempre foi a primeira a me encorajar e estar comigo nos momentos felizes e tristes da graduação. E aos meus pais que proporcionaram a realização de todos os meus sonhos até aqui, construindo comigo a minha História.

RESUMO

O presente trabalho se propõe analisar a ocupação e o uso dos ervais pelas companhias ervateiras, visibilizando a importância econômica e cultural do produto da erva-mate para o desenvolvimento regional, enfatizando as relações de extração, beneficiamento, e transporte deste produto, realizado pelos imigrantes e sertanejos da região em comparativo com o gradual detrimento da mata e os grandes conflitos relacionados a delimitação de fronteiras entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Assim, a pesquisa visa atribuir uma análise de perspectiva ambiental aos estudos históricos econômicos regionais do Vale do rio Negro.

Palavras chave: Erva-mate; Vale do rio Negro; História Ambiental.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Região endêmica de Erva-mate.....	13
Figura 2 – Perfil esquemático da Floresta Ombrófila Mista.....	14
Ilustração 1 – Mapa da região do Planalto norte Catarinense.....	15
Figura 3 – Colheita da erva-mate, século XIX.....	17
Figura 4 – Sapeco da erva-mate.....	18
Figura 5 – Estrutura fixa de carijo em propriedade particular.....	20
Figura 6 – Carijo e trabalhadores em meio a mata – Rio Negro – PR.....	20
Figura 7 – Cancha de erva-mate.....	22
Figura 8 – Etapa final de produção de erva-mate na cancha desempenhada por um pequeno produtor.....	23
Figura 9 – Carregamento de barricas de erva-mate cancheada em frente ao engenho H. Jordan – Mafra – SC.....	24
Figura 10 – Mapa da estrada Dona Francisca.....	27
Figura 11 – Transporte de Erva Mate utilizando o rio Negro – 1910.....	28
Figura 12 – Rótulos de embalagens de Erva-Mate de propriedade de Emilio Von Linsinger.....	33

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
LISTA DE FIGURAS	7
1. INTRODUÇÃO	9
2. CONTEXTOS DA ERVA-MATE	14
2.1 A <i>Ilex Paraguariensis</i> nas florestas do planalto.....	14
2.2 O produto de erva-mate: clareiras e carijos.....	18
3. SERTANEJOS E IMIGRANTES.....	28
3.1 A participação da erva-mate no desenvolvimento do Planalto.	28
3.2 O vale do rio Negro como espaço de memória	32
4. ENTRE OS PRIMÓRDIOS DA GUERRA E O DECLÍNIO DA EXPLORAÇÃO ERVATEIRA	38
4.1 O ciclo madeireiro	38
4.2 Disputa entre terras: A Guerra do Contestado no cenário da Erva-mate ...	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
BIBLIOGRAFIA	48
FONTES.....	50

1. INTRODUÇÃO

O termo latino *Ilex paraguariensis* designa a planta que dá origem ao produto “erva-mate”, comercializado e consumido em grande escala em países da América Meridional, podendo ser responsável pelo sustento de diversas famílias durante vários anos, sobretudo nos séculos XIX e XX. Os processos de cultivo, extração, preparo, transporte, beneficiamento e comércio deste produto estão inteiramente interligados a vida de moradores de várias regiões do Brasil, sendo um deles, o Planalto Norte catarinense e sul do Paraná. Estas regiões, por sua vez, possuem um ecossistema propício ao desenvolvimento dos ervais, composto por características específicas da Mata Atlântica, bioma endêmico da erva-mate. Essa presença é relacionada a diversos fatores, como por exemplo, a altitude, o clima e o solo. Havendo as condições favoráveis para o desenvolvimento, essa planta pode chegar a atingir em torno de doze metros de altura quando adulta.

A exploração e produção da erva-mate como produto para o consumo e comércio foi realizada em diversas etapas, durante o século XIX, cerca de sete etapas separavam a extração da comercialização desse produto. Atualmente, após uma grande onda de modernização, este processo pode ser otimizado, mas ainda assim, as fases de produção continuam sendo amplamente similares. São estes, a colheita; a sapecada dos feixes de erva verde; a secagem dos ramos já quebrados dentro do carijo; a cancheação; o beneficiamento (dentro dos engenhos ou moinhos); o empacotamento; e por fim o comércio e o consumo.¹

Essa produção, muitas vezes, era realizada de maneira independente, para o consumo das próprias famílias, sem uma finalidade comercial. Nesse período era comum encontrar em localidades do interior um carijo para a fabricação da erva-mate em pequena escala, ou então para ser revendido aos engenhos que ficariam responsáveis pela exportação.

¹ GERHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva-Mate**. 2013. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2013.

A extração de erva-mate sempre existiu como alternativa econômica para a população sertaneja da região do sul do Paraná. O “ciclo do mate” teria começado aproximadamente após a vinda da família real ao Brasil (1808), fato este que possibilitou a abertura dos portos às nações amigas. Outro fator importante nesse período foi a proibição da exportação da erva-mate por parte do Paraguai. Esses dois eventos contribuíram de forma significativa para a economia ervateira brasileira, primeiramente paranaense e posteriormente catarinense.

Nesse sentido, na região do planalto norte catarinense a abertura de vias de exportação para os produtos foi de fundamental importância para a ascensão da indústria regional. Contando com a contratação da mão de obra de imigrantes, que auxiliariam na abertura das estradas em troca da possibilidade de usufruir das terras, a estrada Dona Francisca, em meados do século XIX, e a ferrovia que ligava o porto de Paranaguá até os engenhos da capital paranaense através da Serra do Mar, no ano de 1885 e posteriormente a construção da Linha São Francisco, a partir de 1910, ligando a região do Planalto ao porto catarinense de São Francisco, auxiliariam ainda mais o franco progresso da indústria do mate.²

Com o rápido crescimento desse comércio, o Brasil transformou-se em tradicional exportador da erva-mate para a Argentina, Uruguai e Chile, já na primeira metade do século XX, criando forte dependência comercial. De 1901 até 1918 a produção nacional da erva-mate oscilava entre 40 e 70 mil toneladas anuais. A partir do final da Primeira Guerra Mundial, a média passou para 85 mil toneladas/ano. Na década de 30, as exportações brasileiras chegavam a mais de 88 mil toneladas, das quais 90% eram destinadas aos mercados latino-americanos.³ Nesse período, o produto da erva-mate correspondia a cerca de um terço das exportações do Paraná. Entretanto, no momento em que esses países reduziram as importações, provocaram a consequente diminuição da produção brasileira. A produção total bateu recorde

² URBAN, Teresa. *O Livro do Matte*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990. 93 p

³ COSTA, Samuel Guimarães. *A Erva-Mate*. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

em 1930, com 279.400 toneladas, mas foi caindo gradativamente, atingindo a marca de 65.280 doze anos mais tarde.⁴

Em conjunto com a redução das exportações, outro ciclo econômico ganhava prestígio em meio as florestas do Planalto. A exploração madeireira, e a instalação de serrarias dentro da região ervateira, acabou por instaurar uma nova disputa entre os estados de Santa Catarina e Paraná, não mais pelo uso dos ervais, mas pela apropriação das terras para extração da madeira. Contratos firmados entre empresas e os governos dos estados, geraram uma série de conflitos, envolvendo a população sertaneja, e os imigrantes recém-chegados da Europa, além dos grandes produtores de erva-mate que tiveram sua parcela na eclosão da Guerra do Contestado.

Primeiramente, compreendendo que a erva-mate sempre ocupou lugar de destaque na história e nas paisagens do Paraná, colocando a economia regional em evidência no cenário nacional; justificando a construção de vias de acesso adequadas para o escoamento da produção local, como as grandes estradas de ferro ligando litoral ao planalto, por exemplo; visibilizando grandes afluentes como importantes vias de navegação; e abrindo espaço para o ciclo de exploração da madeira. A pesquisa tem como objetivo principal analisar a ocupação e o uso dos ervais pelas companhias ervateiras, visibilizando sua importância econômica e cultural para o desenvolvimento regional, através da mão de obra de imigrantes, em comparativo com o gradual detrimento da mata e os grandes conflitos relacionados à delimitação de fronteiras entre os estados de Santa Catarina e Paraná.

A partir de análise de fontes que se comunicam com o tema, como a dissertação do autor Marcos Gerhard, principal escritor e referência na área, intitulada “A História Ambiental da Erva-mate”, que busca compreender todo o processo histórico da Erva-mate por toda a extensão da América Meridional, incluindo a região do planalto norte catarinense, e também em diálogo com diversos outros autores, e fontes iconográficas encontradas em acervos particulares localizados em Mafra – SC, para atingir o objetivo geral, de analisar a ocupação e o uso dos ervais pelas companhias ervateiras,

⁴ WALCHOWICZ, Rui Cristowan. *História do Paraná*. 6. Ed. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1976.

visibilizando sua importância econômica e cultural para o desenvolvimento regional através da mão de obra de imigrantes, em comparativo com o gradual detrimento da mata e os grandes conflitos relacionados a delimitação de fronteiras entre os estados de Santa Catarina e Paraná por sua vez, este trabalho foi dividido em três capítulos.

Indo ao encontro da problemática da pesquisa que se propõem a responder sobre quais os resultados positivos e negativos da exploração da erva-mate no planalto norte catarinense a longo prazo, e quais os principais responsáveis pela transformação da paisagem desta região, a estrutura do texto em seu primeiro capítulo “Contextos da Erva-mate” busca analisar o processo de exploração da erva-mate, e o território de incidência da planta, seguido pelo capítulo “Sertanejos e imigrantes” voltado para as construções de vias de exportação do produto, e seus respectivos sujeitos históricos, e por fim, no capítulo final “Entre os primórdios da Guerra e o declínio da exportação ervateira” relacionado a compreensão do conflito interestadual e suas relações com a indústria de mate.

Para o historiador Paulo Henrique Martinez, a compreensão histórica das relações entre as sociedades humanas e a natureza tem se constituído em uma experiência social crescente, motivada tanto pelo uso dos recursos naturais quanto pelas práticas cada dia mais insustentáveis dessa utilização. Devemos estar atentos ainda, enquanto historiadores, às mudanças e permanências nas formas como estas sociedades têm recorrido ao mundo natural para suprir suas necessidades biológicas e sociais ao longo do tempo.⁵ O uso dos recursos naturais, portanto, tem uma longa trajetória histórica.

Assim, este trabalho de pesquisa visa, além de abordar o conhecimento histórico sobre a importância econômica e social da erva-mate para a região sul do Paraná e norte de Santa Catarina, enfatizando as relações de extração, beneficiamento, e transporte deste produto, realizado pelos imigrantes e sertanejos da região, que de forma direta e indireta contribuíram para a Guerra do Contestado, busca ainda, fazê-lo por meio de uma perspectiva ambiental da

⁵ MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil**. Pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

qual não há nenhum trabalho desenvolvido até então sobre este recorte espacial e temporal em específico, que se delimita entre o início da exploração ervateira, no século XIX até a eclosão do conflito do contestado em 1912, na região do vale do rio Negro.

2. CONTEXTOS DA ERVA-MATE

2.1 A *Ilex Paraguariensis* nas florestas do planalto

A produção de erva-mate, responsável por um dos mais longos e produtivos processos econômicos da história do estado do Paraná e de Santa Catarina, teve seu apogeu durante o século XIX. Durante esse período, a economia dessas duas províncias esteve amplamente interligada ao cultivo, beneficiamento e produção de mercadorias derivadas dos ervais presentes na região, sobretudo dos planaltos de altitude.

Desta forma, tratando-se de uma planta nativa, a erva-mate foi abundantemente utilizada devido a sua vasta presença por toda a extensão geográfica deste território, localizado na região florestal sul da Mata Atlântica. Esta ocorrência se deve a diversos fatores, entre eles a altitude e a biodiversidade presentes nesta região.

A Erva-mate faz parte da família das Aquifoliaceae, do gênero *Ilex*, e sua classificação botânica (*Ilex Paraguariensis*⁶) se deve ao naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire que, em uma de suas viagens feita ao Paraguai, em 1820, colheu amostras que foram encaminhadas à Academia de Ciências do *Institut de France*.⁷

Ao se referir a “árvore de congonha, ou árvore do mate”, Saint-Hilaire descreveu a planta em um dos seus relatos de viagem à região dos Campos Gerais de Curitiba⁸ como “uma árvore de pequeno porte, ramosa no alto, muito folhuda, mas cuja forma não tem nada que a caracterize.”⁷ Complementou ainda se referindo as folhas que “quando verdes, não têm cheiro, e o seu sabor é de uma planta herbácea um pouco amarga.”

⁶ No presente trabalho, utilizarei a terminologia “erva-mate” tanto para referenciar a erva, quanto ao seu produto final, sendo utilizado o nome científico da planta “*Ilex Paraguariensis*” apenas em situações pontuais.

⁷ SANTOS, Leandro dos. O início de uma tradição. In: **Erva-mate o ouro verde do Paraná**. Curitiba. Jornal Gazeta do Povo. Disponível em < <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/erva-mate/origens.jpg> >.

⁸ SAINT-HILAIRE, Auguste de. Descida da Serra de Paranaguá. In: **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**. Tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo. 1978. p. 88.

A delimitação territorial da área endêmica da erva-mate foi feita pela primeira vez pelo botânico francês Aimé Jacques A. G. Bonpland, no século XVIII, que “com o auxílio de uma régua, traçava uma linha desde a barra do Rio Grande até a povoação de Vila Rica, no Paraguai.”⁹. Ao longo desta linha estavam localizadas as principais reservas de ervais nativos. Mais tarde, esta definição ganhou maiores detalhes apontando as matas de Araucária como principais regiões de presença das *Ilex Paraguariensis*.

Figura 1 – Região endêmica de Erva-mate.



Fonte: GERHARD, 2013. Op. cit.

⁹ URBAN, Teresa. **O Livro do Mate**. Rio de Janeiro: Imprinta Gráfica e Editora. 1990, p. 38.

A Mata Atlântica brasileira possui uma divisão específica de sua cobertura vegetal, que abrange a costa leste, sudeste e sul do Brasil, leste do Paraguai e a província de Misiones, na Argentina. São atribuídas ao todo três diferentes formações florestais ou regiões fitoecológicas¹⁰ onde os ervais eram mais facilmente identificados, são elas: Floresta Ombrófila Mista, a Floresta Estacional Decidual, e a Floresta Estacional Semidecidual.¹¹

Entretanto, a região de Floresta de Araucária ou Floresta Ombrófila Mista, presente no Planalto Meridional, por sua vez, possui outras quatro subdivisões relacionadas a altitude do terreno (conforme a Figura 2), com formações vegetais demasiadamente específicas. Dentre elas, destaca-se a formação de Montana, situada acima de 400m e abaixo de 1000m de altitude¹², conforme podemos encontrar na região do planalto norte catarinense e sul do Paraná.

Figura 2 – Perfil esquemático da Floresta Ombrófila Mista.



Fonte: IBGE, 2012.

Nessa região, é possível encontrarmos uma abundante rede de interações necessárias para o desenvolvimento da erva-mate, onde as matas de pinheiros encontram-se nas encostas e nos vales de rios, dando um aspecto característico as suas formações florestais que encobrem sub-bosques de

¹⁰ Definido por uma florística de gêneros típicos e de formas biológicas características que se repetem dentro de um mesmo clima. Com base na bibliografia fitogeográfica, em levantamento dos remanescentes de vegetação e em trabalhos de campo, o IBGE estimou a extensão dos tipos de vegetação do Brasil, classificados em regiões fitoecológicas e áreas de vegetação. (IBGE, 1992).

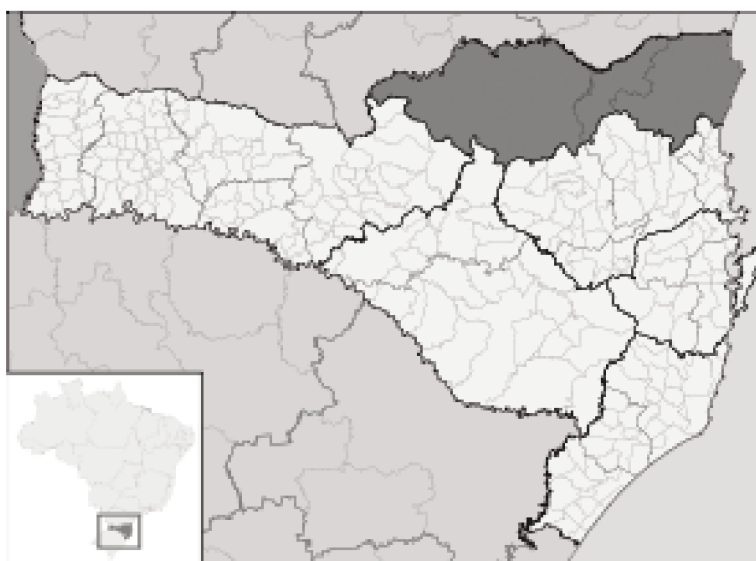
¹¹ GERHARD, 2013. Op. cit.

¹² IBGE. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Vol. 1. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2012.

Imbuías (*Ocotea porosa*). A erva-mate encontra-se distribuída por esses sub-bosques, em um local intermediário da floresta, pois necessita ao mesmo tempo do sol e da sombra de árvores de maiores portes para o seu crescimento. Além destes fatores, conforme a autora Yeda M. Malheiros Oliveira, a prosperidade da erva também depende do solo. Solos mais profundos e pouco encharcados, são os mais apropriados para esta planta.¹³

Ainda assim, apesar das ervaíras não serem propícias a solos muito úmidos, as chuvas também são de grande valia para o seu desenvolvimento. Neste sentido, a existência de bacias hidrográficas também coincide com a localização endêmica da *Ilex Paraguariensis*, tais como as do rio Paraná, Paraguai, Iguazu e Uruguai, fator esse que influenciou na rede de comercialização dos produtos no século XX, principalmente se tratando do Planalto norte catarinense.

Ilustração 1 – Mapa da região do Planalto norte Catarinense



Fonte: Imagens Google.

¹³ OLIVEIRA, Yeda Maria Medeiros; ROTTA, Emílio. Área de distribuição natural de erva-mate (*Ilex Paraguariensis* St.Hill). **Anais do X Seminário sobre atualidades e perspectivas florestais: silvicultura da erva-amte**. Curitiba: Embrapa/IBDF, 1985, p. 28.

No Brasil, estima-se que existam cerca de 60 espécies do gênero *Ilex*¹⁴, o que por sua vez, contribui para que os produtos de erva-mate possam ter variações de sabores dependendo não somente do processo de produção da mercadoria, mas da árvore utilizada, sua região de colheita e época de poda. Isto se deve às diferenças de formato ou tamanho das folhas, ramos e talos da erva, além da coloração dos mesmos, que são essenciais para o paladar e o aroma de cada produto.

2.2 O produto de erva-mate: clareiras e carijos.

O processo cultural do mate tem várias facetas, são eles: o corte, sapeco, secagem, empacotamento (embalagem), transporte e comercialização. Todo o processo se inicia pela poda das erveiras, que ainda hoje continua sendo realizado com facões ou foices, de maneira bastante rudimentar, sobretudo por pequenos agricultores. O principal objetivo das podas, além de adquirir a matéria prima para os próximos passos do fabrico do produto, é de estimular o desenvolvimento da planta para aumentar o número de ramos que serão posteriormente utilizados¹⁵. Contudo, durante a grande ascensão econômica da erva-mate durante os séculos XIX e XX, os cuidados com as erveiras eram amplamente dispensados, devido especialmente a falta de perspectivas futuras e da consciência ambiental sobre a redução das matas e conseqüentemente de sua própria matéria prima.

Figura 3 – Colheita da erva-mate, século XIX.

¹⁴ STEFFENS, Ivana; BOSSI, Maria Cristina. **O transporte da erva-mate no sul do Paraná**: Alguns aspectos. 2007. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade do Contestado, Mafrá, 2007.

¹⁵ PENTEADO, Joel. Org. **Erva-mate**: perguntas e respostas. Brasília: EMBRAPA, 2017.



Fonte: Acervo particular Cínthia Maria Cordeiro.

Os processos relacionados à indústria da erva-mate e seus produtos, entretanto, continuaram muito similares até os dias atuais, resguardados em leis de proteção à floresta que, apesar de pouco utilizadas, são um avanço no que diz respeito à vegetação nativa e à utilização dos ervais. Dessa forma, em seguida, os ramos já cortados são submetidos à ação direta do fogo, nos “sapecos”. Sob a ação rápida das labaredas, as folhas perdem certa umidade. O bom aspecto e o sabor da erva dependem muito da rapidez e uniformidade da “sapecada”.

Figura 4 – Sapeco da erva-mate.



Fonte: Acervo particular de Maria da Glória Foohs.

Durante os séculos XVIII – XIX, momento em que a manutenção dos ervais era realizada pelo povo sertanejo e imigrantes, na região do vale do rio Negro, as primeiras etapas de processamento da erva-mate eram realizadas na própria mata, onde eram construídos, de forma extremamente precárias, estruturas denominadas de “carijo”. Nessas construções, seria realizada a segunda secagem. A primeira, retratada na Figura 4, é muito bem detalhada pelo autor Inácio Capistrano Cardoso, citado por Silveira, que, em sua análise, descreve o “sapecadouro”, também dentro da mata, em local roçado e limpo, próximo ao cariço:

Aí forma-se um parapeito, com altura pouco maior de um metro, resguardado, com uma espécie de paliçada de faxina e folhas verdes a fim de defender do fogo o parceiro ou

parceiros, que tomam o trabalho de sapecar a erva. Dispostos os feixes sobre um pau mais alto, acende-se por baixo uma fogueira com o fim de emurcheçar ou secar a erva até que esta amareleça por completo.

A medida que isto se consegue e enquanto se sapecam outros feixes, um dos parceiros vai dando ao trabalho de quebrar os galhos já crestados ou sapecados, formando outros menores, entre duas estacas distanciadas quinze centímetros, e aí, apertando os novos feixes com o pé, atá-los com cipó ou fita de taquara como na operação precedente.¹⁶

Percebe-se na Figura 4 a presença de vários elementos descritos por Cardoso, o ramo estendido sob o fogo e a barricada de troncos, por exemplo, utilizada para a segurança de seu corpo, (apesar do mesmo cuidado ser dispensado nas mãos desprotegidas), além dos feixes já preparados ao fundo para em seguida serem levados ao carijo a fim de continuar o seu processo de produção.

A própria estrutura do carijo já seria, por sua vez, levantada em função da segunda secagem dos ramos. Assim, neste galpão haveria uma divisão clara de onde seriam posicionados os feixes e onde seria ateado o fogo, um acima do outro respectivamente. Diferente do sapeco, as folhas não entram em contato com as chamas nessa etapa de secagem. Apenas o calor vindo do fogo, localizado a cerca de 1 metro e meio a baixo dos estrados que segurariam a erva, seria utilizado nesta desidratação. Utilizado esse processo, o produto final acabava por obter um ligeiro aroma de fumaça, que atualmente é encontrado somente em mercadorias artesanais que ainda seguem o antigo método de secagem.

¹⁶ CARDOSO, Inácio Capistrano, apud. SILVEIRA, Hemeterio José Velloso da. citado por GERHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva-Mate**. 2013. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

Figura 5 – Estrutura fixa de carijo em propriedade particular.



Fonte: Acervo particular de Maria da Glória Foohs.

Figura 6 – Carijo e trabalhadores em meio a mata – Rio Negro – PR.



Fonte: Acervo particular de Maria da Glória Foohs.

Além da presença do carijo, onde é possível observar as bases fundamentais do galpão, com os feixes pendurados em ambas as imagens acima (Figura 5 e 6) uma espécie de grade, ou esteira, em uma distância

razoável do chão, local em que o fogo seria cuidadosamente alimentado. É possível analisar as diferenças estruturais dos dois modelos presentes nas Figuras 5 e 6, sendo o primeiro construído em propriedade particular no município de São Bento do Sul (SC) e o outro em meio a mata localizada em Rio Negro (PR) de forma bastante rudimentar. Nota-se ainda que as imagens foram capturadas em diferentes épocas, elucidadas pela fotografia colorida, o formato da construção e o material dos telhados.

Percebe-se também que o carijo, enquanto estrutura, sofreu grandes transformações durante o período de modernização da indústria ervateira, passou de uma estrutura pouco sofisticada e de duração ínfima, a ter um maior prestígio que pouco a pouco foi se inovando e se reinventando até por fim ocupar seu espaço em meio a propriedade e posteriormente ser “aposentado” pela grande escala de produção. As grandes indústrias de beneficiamento, por sua vez, deixaram de utilizar o carijo para um maior aproveitamento do tempo através de um maquinário específico que possibilita controlar o nível de calor da estufa com uma velocidade maior.

Assim, cenas retratando a secagem dos ramos em meio a mata foram se tornando cada vez menos presentes durante o século XIX, com a ascensão da erva-mate em escala industrial. Principalmente como apresentadas na Figura 4, que expõe outro procedimento de fabricação do produto primário: a trituração da erva.

Essa etapa também passou por significativas mudanças, deixando durante o séc. XIX de ser realizada à beira da mata logo após a secagem dos ramos, em que couros de boi eram estendidos no chão. É com a utilização de facões ou porretes de madeira (visíveis da Figura 6) a erva era quebrada e reduzida a mínimas proporções. Entretanto, essa técnica utilizada por um longo período da história de exploração dos ervais foi substituída pelas famosas canchas de erva-mate, as quais utilizariam a tração animal para realizar a chamada “cancheação”.

Seguindo o mesmo objetivo da trituração, no procedimento de canchear, a erva era colocada em uma estrutura circular de madeira, com leve inclinação, e repleta de buracos, similares a uma peneira, denominada: cancha.

(Figura 7). Nela, como descrito no jornal *Gazeta do Povo*, “havia o ouriço ou malhador: cone de tronco de árvore com pedaços de madeira encrustados que trituravam a erva-mate. O ouriço era movido por um cavalo ou boi que dava voltas na cancha.”. Assim, com o auxílio de laminas de ferro ou madeira, que possibilitavam que os ramos se movimentassem pela cancha, os pequenos fragmentos de erva-mate caíam para uma parte inferior, onde poderia ser embalada, finalizada, e pronta para o transporte¹⁷.

Figura 7 – Cancha de erva-mate.



Fonte: Jornal Gazeta do Povo

¹⁷ SANTOS, Leandro dos; MILAN, Pollianna. Por entre florestas, barbaquás e engenhos. In: **Erva-mate o ouro verde do Paraná**. Curitiba. Jornal Gazeta do Povo. Disponível em < <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/erva-mate/origens.jpg> >.

Figura 8 – Etapa final de produção de erva-mate na cancha desempenhada por um pequeno produtor.



Fonte: Acervo particular de Maria da Glória Foohs.

A erva-mate assim “cancheada” já era considerada um produto primário e constituía também a matéria-prima para os engenhos de beneficiamento nacionais e estrangeiros, sendo um dos principais produtos de exportação paranaense, para países da região do Vale do rio da Prata, como Argentina e Uruguai, durante o século XX.

Inicialmente a erva era embalada em surrões, fabricados em couro de gado, que eram amarrados no lombo das mulas. Essas bolsas com capacidade para quatro arrobas¹⁸ eram vendidas conjuntamente com a erva. Contudo, quando o transporte era de pequena distância, utilizavam-se cestos de taquara, forrado com folhas. Com o desenvolvimento da indústria ervateira,

¹⁸ Arroba: medida de peso muito utilizada na época e corresponde a 14,668 kg, sendo comumente arredondada para 15 kg. No Paraguai, contudo, a arroba equivalia a 11,475 kg.

os surrões foram substituídos por barricas de madeira, os quais tiveram grande circulação entre as décadas de 1920 a 1970¹⁹ (Figura 9).

Figura 9 – Carregamento de barricas de erva-mate cancheada em frente ao engenho H. Jordan – Mafra – SC.



Fonte: Acervo particular de Cínthia Maria Cordeiro.

As barricas produzidas no planalto norte catarinense e sul do Paraná eram confeccionadas de diversos tamanhos, conforme a necessidade do produto, a partir da madeira de araucária. A importância econômica da fabricação das barricas na região foi essencial para a exportação de erva-mate cancheada para países como o Uruguai e o Chile. Após a década de 70, no fim do século XX, estes recipientes entraram em desuso e deixaram de ser fabricadas devido a proibição do corte dos pinheiros e de madeira nativa, além da substituição por embalagens feitas de plástico.

No processo histórico do mate, entre meados do século XIX e XX, é comum verificar a presença de vários integrantes das famílias em sua

¹⁹ MAFRA, Antonio Dias. Aconteceu nos Ervais: A disputa territorial entre Paraná e Santa Catarina pela exploração da Erva-Mate - Região sul do vale do rio Negro. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade do Contestado - Unc, Canoinhas, 2008. Disponível em: <http://www.unc.br/mestrado/editais/dissetacao_mafra_seguranca.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2016.

produção, sendo, muitas vezes, a poda, o sapeco e o transporte responsabilidade dos homens, enquanto trabalhos menos árduos ficariam reservados às mulheres e aos jovens. No que diz respeito ao envolvimento de crianças na trabalhosa jornada de extração de erva-mate, retratadas em diversas fotografias, (Figura 4), torna-se compreensível a necessidade de envolver todo o núcleo familiar nesta atividade ao se contextualizar o período histórico em questão. Somente em 1934 o Brasil daria passos referentes a exploração do trabalho infanto-juvenil, contudo tratando somente de jornadas industriais, deixando de lado a fiscalização do trabalho agrícola até final do século XX.²⁰

²⁰ PAGANINI, Juliana. O trabalho infantil no Brasil: uma história de exploração e sofrimento. In: **Amicus Curiae**. V. 5, n. 5. Criciúma: UNESC, 2011.

3. SERTANEJOS E IMIGRANTES

3.1 A participação da erva-mate no desenvolvimento do Planalto.

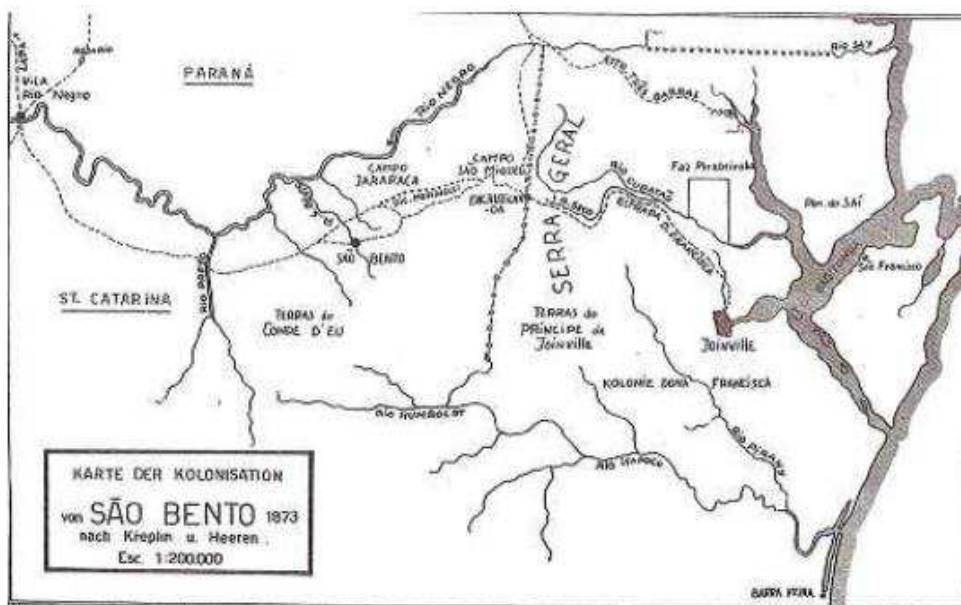
Para um desenvolvimento maior da indústria de erva-mate, às antigas províncias do Paraná e Santa Catarina caberia a responsabilidade de atrair novos moradores para a região, propagandas destinadas a imigrantes a fim de colonizar territórios eram bastante recorrentes. No que diz respeito a estas propagandas, é possível notar a forte conexão com a exportação da erva-mate e as atividades agrícolas que passariam a ser exercidas de maneira direta ou indiretamente pelos colonizadores, como por exemplo, na consolidação de uma rede destinada ao fluxo desta mercadoria.

Neste sentido, a abertura da estrada Dona Francisca, em meados do século XIX, ligando os atuais municípios de Joinville e São Bento do Sul, chegando em 1882 até o vale do rio Negro, que atualmente atende as cidades de Mafra (Santa Catarina) e Rio Negro (Paraná), auxiliaria ainda mais no franco progresso da indústria do mate. O que, por sua vez, também possui grande conexão com os colonos imigrantes que ficariam encarregados de auxiliar na abertura da estrada e também na sua conservação para servir de via de transporte da erva-mate até o litoral catarinense.

Quando a estrada chegou a São Bento do Sul, em 1877, o transporte por mula foi substituído pelos carroções puxados por animais, que carregavam até cerca de duas toneladas de erva-mate. Os carroceiros formavam comboios para proteção mútua, e criavam pontos de paradas próximos a riachos onde pernoitavam para posteriormente seguir viagem²¹. Nestes locais de acampamento, foram se desenvolvendo pequenos núcleos habitacionais e comunidades caboclas, que aos poucos formaram vilarejos e cidades como Rio Negrinho, estabelecida no trecho central entre os municípios de São Bento e Rio Negro.

²¹ MAFRA, 2008. Op. cit.

Figura 10 – Mapa da estrada Dona Francisca²²



Mapa de São Bento e Joinville de Kreplin e Heeren, 1873.

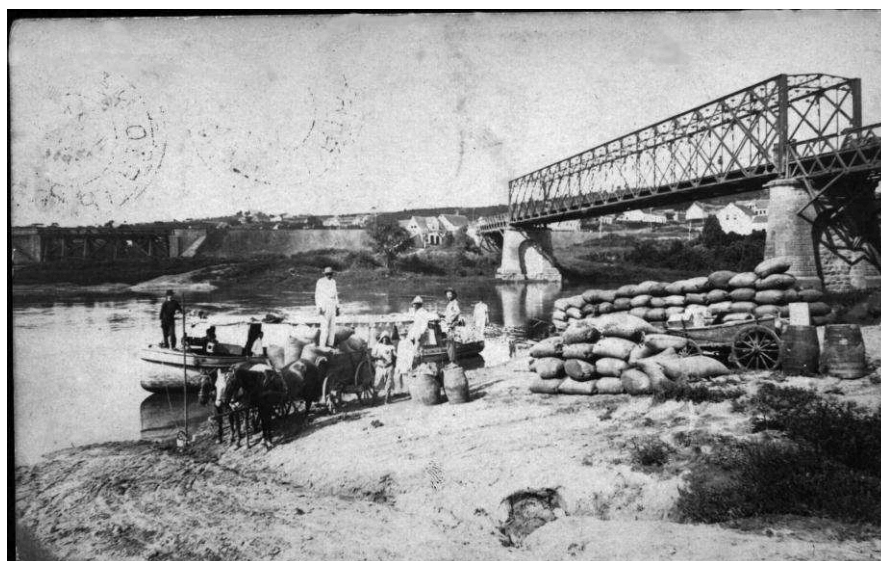
Fonte: FICKER, Carlos. São Bento do Sul – subsídios para a sua história. Joinville: Ed. Ipiranga, 1973.

A construção da estrada Dona Francisca também foi a responsável pela concretização do interesse governamental catarinense pela erva-mate, disputando o mercado ervateiro com o Paraná e acirrando ainda mais a questão de limites territoriais e fronteiras entre as duas províncias.

Anteriormente, a utilização do rio Negro para a exportação deste produto, provindo do vale e de cidades vizinhas, tais como Itaiópolis (antiga colônia Lucena), e a famosa localidade de Ouro Verde (atualmente Canoinhas), era a principal via de acesso aos ervais. Entretanto, tal produção era amplamente destinada aos engenhos do Paraná, sobretudo os localizados em Curitiba, para posteriormente serem enviados aos portos do litoral paranaense, o que sem dúvida desagradava os governantes do estado de Santa Catarina. Desta maneira, o interesse destinado à propaganda de imigração certamente visava à demarcação de territórios e a defesa de fronteiras, repousando no crescente comércio da erva-mate.

²² Mapa da região de São Bento do Sul do ano de 1873, mostrando o local onde seria instalada a sede da Colônia Agrícola São Bento, pela Cia Colonizadora de Joinville. Destaque para o traçado da Estrada Dona Francisca, em construção.

Figura 11 – Transporte de Erva Mate utilizando o rio Negro – 1910



Fonte: Acervo particular de Maria da Glória Foohs.

Outra rota que atendeu muito as demandas de exportação, sobretudo paranaense, foi relacionada à construção da ferrovia que ligaria o porto de Paranaguá até os engenhos da capital através da Serra do Mar, no ano de 1885. O transporte ferroviário auxiliaria acima de tudo o tempo de deslocamento dessa carga, que anteriormente era realizado através da estrada da Graciosa de maneira muito precária, como retratado na obra *O Livro do Matte*, “dos ervais, o produto era levado em lombo de burro, numa difícil travessia aos engenhos instalados em localidades de acesso mais fácil ao porto, até onde chegavam, enfim, através de um precário sistema de transporte fluvial”.²³

A redução do tempo do transporte fez com que a rede ferroviária se tornasse ainda mais importante, de modo que seria a principal responsável pelo transporte da erva-mate, substituindo a maior parte das outras vias, atribuindo a elas a condição de transporte secundário. Entretanto, a ferrovia viria a acirrar ainda mais a disputa entre estados pela utilização dos ervais da região da encosta do rio Negro.

No ano de 1849, em pronunciamento na Assembleia Legislativa, o governador Severo do Amorim relata aos deputados o potencial ervateiro dos

²³ URBAN, 1990, loc. cit.

sertões dos campos de Lages, região próxima ao planalto norte, onde afirmou:

A erva-mate, ramo considerável de exportação em Paranaguá, bem vizinha de nosso limite, de que abundam os campos e sertões de Lages, tem estado em perfeito abandono; ao mesmo tempo em que um ou outro no distrito desta vila o prepara, acha pronto comprador, que a exporta para o Rio Grande do Sul.²⁴

O governador catarinense demonstra em sua fala a preocupação com a província vizinha, Paraná, cujos procedentes obtinham lucros com a exportação, enquanto Santa Catarina tinha sua base econômica na produção de farinha de mandioca²⁵, sem investimentos na exploração dos ervais.

Assim, somente cerca de 60 anos depois, a partir de 1910, a construção da Linha São Francisco, que ligava a região do planalto ao porto de São Francisco, passando através de localidades de grande importância para a indústria ervateira, cobriria todo o trecho da Estrada Dona Francisca, assim como o da navegação fluvial até Porto União. De acordo com Kormann

Para mais solidificar-se seu domínio sobre esta região, o Governo Brasileiro (republicano) resolveu integrá-la, ainda mais, mediante construção da Estrada de Ferro Porto União até Marcelino Ramos, passando por todo Estado de Santa Catarina, de norte a sul e deu à construtora norte-americana “Brazil Railway”, mediante polpudo pagamento. E mais do que nunca reacendeu-se a questão do Contestado.²⁶

Nem mesmo a fiscalização imposta sobre o vale do rio Negro impediu o fluxo deste comércio, o que garantia ainda mais esta disputa entre os dois Estados pelos ervais da região. Isto pode ser explicado através do fragmento do autor Marcos Gerhardt onde diz

Em Santa Catarina, que durante o século XIX, tinha um território muito menor do que o atual, os ervais mais importantes estavam situados no Planalto norte, no vale do rio Negro e no Planalto sul, junto aos rios Pelotas, do Peixe e

²⁴ Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, 1975. v. XXVI.,

²⁵ BOSSLE, Ondina Pereira. **História da industrialização catarinense**. Florianópolis: CNI, 1988.

²⁶ KORMANN, José. **São Bento do Sul**. Rio Negrinho, 1990.

Canoas. Em 1860, o presidente da província de Santa Catarina, Francisco Carlos do Araujo Brusque, afirmou que poucos eram os ervais conhecidos, presumiu a abundante existência deles no município de Lages. [...] O município de Lages tinha imensa área, alcançando o atual território de Canoinhas, no Norte catarinense.²⁷

3.2 O vale do rio Negro como espaço de memória

A disputa entre os dois estados na manutenção desta significativa atividade econômica repousava no progresso deste território, o qual em parte se deve à já citada: imigração. Entretanto, vale lembrar a importância da utilização do mate pelos indígenas anterior a chegada dos sertanejos a estas terras, e sobretudo dos colonos, de todo modo, o Vale do Rio Negro recebeu seus primeiros colonos alemães do Trier, no dia 19 de fevereiro de 1829, num número de aproximadamente 12 famílias, e em novembro do mesmo ano cerca de 17 famílias, totalizando 139 pessoas, que passaram a atuar na área agrícola da região.²⁸

Imigrantes da região da Baviera, atualmente no sul da Alemanha, também desembarcaram no porto de Paranaguá no ano de 1887, atravessando a pé, e com o auxílio de mulas para o transporte de bagagens, até a região do Planalto Norte, onde também atuaram no labor agrícola e principalmente na extração da erva-mate.

Com a chegada destes novos moradores na já existente Vila de Rio Negro, habitada anteriormente por brasileiros vindo de diversas regiões de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, somada à construção da Capela Curada de Rio Negro, dois anos antes da chegada dos primeiros alemães, o desenvolvimento regional começou a tomar passos cada vez mais largos. Assim, em 1863, é instalada uma agência postal na cidade, e finalmente no

²⁷ GERHARD, 2013, loc. cit.

²⁸ CORDEIRO, Cíntia Maria. **Um olhar histórico da cidade de Rio Negro - PR**. 2010. 191 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Faculdade de Educação e Tecnologia da Região Missioneira - Fetremis, São Paulo das Missões, 2010.

ano de 1870 ocorre a emancipação. A Lei nº 214, de 02 de abril de 1870 da Assembléia Provincial do Paraná determina a criação do município de Rio Negro, que só viria se emancipar em 15 de novembro do mesmo ano com a criação da Câmara Municipal²⁹. Segundo Cordeiro,

Os próximos trinta anos viriam a ser de grande crescimento para o município. A atividade agrícola era desenvolvida com o uso de técnicas trazidas pelos imigrantes. Escolas foram fundadas, a ponte metálica (atualmente denominada Ponte Metálica Dr. Diniz Assis Henning) foi montada e os imigrantes bucovinos instalaram-se na cidade.³⁰

As causas relacionadas à imigração foram complexas e de variados fatores, sobretudo econômicos, políticos, e sociais. As propagandas de imigração tiveram muita influência neste processo, principalmente durante a “febre imigratória brasileira”, ocorrida entre os anos de 1890-91, momento no qual a Colônia Lucena (Itaiópolis) também foi fundada. Neste período cerca de 30.000 poloneses aportaram no Brasil, fluxo que se direcionou prioritariamente para o Sul, e por sua vez, para a região do vale do rio Negro³¹. A lenda do “achamento do Paraná” teve grande contribuição para a apropriação das terras. Segundo a mesma, dizia-se que se tratava de uma área envolta numa grande nevoa, que foi dissipada por intervenção da Virgem Maria e que os soberanos do mundo teriam feito três sorteios, sendo contemplado nas três vezes, o Papa, que destinou a região aos sofridos e fiéis poloneses.³²

As terras da margem esquerda do rio Negro, entretanto, eram de posses da província catarinense, pertencentes ao casal D. Isabel e Conde D'Eu, como parte do dote da princesa imperial brasileira, e, portanto, conforme a primeira Constituição republicana, pertenciam aos Estados, ficando, assim, reservados ao governo federal o controle da imigração.

²⁹ Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, 1969, v. VX.

³⁰ CORDEIRO, 2010. Op. cit.

³¹ RODYCZ, Wilson Carlos (Org.). **Colônia Lucena: Itaiópolis**. Florianópolis: BRASPOL - Representação Central da Comunidade Brasileiro-polonesa no Brasil, 2002.

³² LAZIER, Hermógenes. **Paraná: Terra de todas as gentes e de muita História**. Francisco Beltrão, 2003.

Contudo, as condições encontradas na colônia não era as melhores para os recém-chegados, como podemos observar no relatório elaborado por Antônio Hempel, intitulado “Os poloneses no Brasil”, onde o viajante descreve um grande barracão destinado ao abrigo destes imigrantes.

No dia da visita, somavam 1.952. Ali imperava a sujeira e superlotação. No sótão, o calor era grande, devido ao telhado de zinco. Reinava completa promiscuidade entre os sãos e os doentes. Também havia imigrantes alojados em casas alugadas, as quais também eram velhas e impróprias.³³

Já durante o século XX, empresas de grande porte se instalaram na região, resultantes da grande onda imigratória e das campanhas realizadas pelos Estados a fim de alavancar o comércio da erva-mate. Neste momento, as propagandas imigratórias eram substituídas pelos rótulos de produtos de qualidade das empresas de diversas cidades, agora emancipadas. Além de vários engenhos espalhados pela região, haviam empresas especializadas na extração da erva-mate, serrarias para a fabricação de barris próprios para a exportação, e demais companhias menores que revendiam suas produções para comerciantes maiores. Algumas cidades, como São Bento do Sul, por exemplo, durante um longo período tiveram sua economia amplamente dependente do comércio de erva-mate.

No ano de 1893, Miguel José Grein fundou em Rio Negro a fábrica de beneficiar erva-mate “Bom Jesus”, detentora das marcas: Lyra, Almeida Torre, Tupy e Ida, a empresa que prosperava rapidamente, tendo como produção anual a soma de 1.200.000 kg, logo atingiu os mercados exteriores.³⁴ O poderio era tamanho, que após oito anos de funcionamento, a empresa daria abertura a um ramal ferroviário próprio, que ligaria o engenho à linha da Estrada de Ferro. “Para facilitar o escoamento de seus produtos e recebimento da erva bruta, possui a firma um ramal ferroviário ligando sua

³³ HEMPEL, Antônio. Os poloneses no Brasil – Lwów, 1893. In: **Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa**. Vol. VII, pág. 12/99. Ed. da Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa do Paraná, tradução de Francisco Dranka, Curitiba: 1970.

³⁴ MAFRA, 2008. loc. cit.

fábrica à Linha da Estrada de Ferro Serrinha Rio Negro, estrada de Ferro Paraná”.³⁵

Com o avanço e o mercado em ascensão, surgem novos industriais, sobretudo na cidade de Rio Negro, pois além da excelente posição quanto às estradas utilizadas pelas carroças e a estrada de ferro, a cidade possuía um porto fluvial, ainda em utilização.

Personalidades começaram aos poucos a ganhar destaque com o desenvolvimento dessa indústria, a exemplo de Emílio Von Linsingen, brasileiro de origem alemã, que estabeleceu comércio em Rio Negro em 1890, fundador do primeiro engenho da cidade, no ano de 1908. Após a emancipação da cidade de Mafra, no estado de Santa Catarina, ele fundou o engenho Dom Emílio, em 1918. Grande exportador, mantinha comércio com Montevidéu, Buenos Aires, Alemanha, Bélgica, Holanda e Suíça.³⁶ Teve sua decadência somente durante a Segunda Guerra Mundial, momento em que cessaram as exportações.

Figura 12 – Rótulos de embalagens de Erva-Mate de propriedade de Emilio Von Linsinger



Fonte: Acervo pessoal Maria da Glória Foohs.

Os rótulos, não perderam sua função histórica, sendo amplamente utilizados na época, como ainda hoje, para identificar o produto da erva-mate, e seu respectivo produtor. Eram colados nas barricas e também nas latas

³⁵ Centenario da Colonização Alemã: Rio Negro e Mafra, 1829 - 1929. Curitiba: Editora Olivero, 1929. p. 150. Biblioteca Pública de Rio Negro – PR.

³⁶ _____. Emílio von Linsingen & Cia. **Industriaes e Comerciantes**. Rio Negro. 1923.

utilizadas para embalar as mercadorias, principalmente para exportação. A linguagem utilizada nos anúncios, seja visual ou escrita, busca envolver, através de uma relação de empatia, muitas vezes, adaptar-se ao dia-a-dia do consumidor.³⁷ Assim, a representação de paisagens aos fundos, visíveis na Figuras 12, como as Araucárias da primeira imagem, ou os caboclos sertanejos da terceira, criam uma ilusão de proximidade entre o cliente, o produto, e a sua forma de produção, que enfim vem a se tornar a satisfação de adquirir e consumir algo além da mercadoria, exaustado no chimarrão da segunda imagem.

Contudo, o imaginário elucidado pela propaganda, em nada se assemelha a realidade enfrentada pelos sertanejos e pequenos produtores, que com a entrada dos grandes produtores da erva-mate na região, para produção em larga escala, foram afastados de seus cotidianos de exploração e de subsistência através de pequenas vendas, e acabaram se submetendo ao processo industrial do mate. Conforme a propaganda datada de 1929, da empresa Alfredo de Almeida Junior, garante-se que o respectivo engenho não utilizaria mais o método de produção em meio as matas (séc. XIX), mas sim “de machinismos modernos movidos à vapor e com motor de 16 cavalos, mantendo em serviço interno uma meia de 25 operarios e 26 no serviço de fabricação de barricas e outros involucros”.³⁸ Demonstrava, desta maneira, que os rótulos, assim como hoje, nada mais eram do que propagandas que visavam atender um mercado leigo e desinformado sobre a real rede capitalista de produção.

Os coronéis da erva-mate, durante o século XIX e XX, tornaram-se o principal poder político dentro das cidades. A alteração do cotidiano familiar dos indivíduos habitantes do Planalto, por sua vez, se estabelece sobretudo em razão da super exploração da erva-mate e sua indústria de exportação,

³⁷ SOUZA, Maurini de. Publicidade como fonte histórica: Revista da Semana. In: **Anais: I RECOM – Comunicação e Processos Históricos**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia: Cachoeira. 2015.

³⁸ GERHARD, 2013. p. 89, apud. Centenario da Colonização Allemã: Rio Negro – Mafra, 1829 – 1929. Curitiba: Editora Olivero, 1929. p. 148 – 192. Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC) e Acervo pessoal de Maria da Glória Foohs.

que, em conjunto com o setor madeireiro, por fim expropriou os sertanejos de suas terras, levando-os a buscar novas ocupações³⁹.

³⁹ CABRAL, Osvaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Secretária da Educação: Florianópolis. 1968.

4. ENTRE OS PRIMÓRDIOS DA GUERRA E O DECLÍNIO DA EXPLORAÇÃO ERVATEIRA

4.1 O ciclo madeireiro

A nossa árvore grande é cada vez mais rara!
Continuando a vender para fora, o pinheiro, como o louco que cede os seus olhos da cara. – Ah! Fome de ouro do cúpido interesseiro! – teremos que mandar buscas, um dia para nosso próprio caixão, o pinho do estrangeiro!⁴⁰

Paralela à exploração ervateira se desenvolveu a economia madeireira. A princípio, a produção atenderia somente as necessidades internas das cidades em franco desenvolvimento, com o fornecimento de barris e outros materiais de embalagens de mate, na construção de casas, cercas e outros.

O corte do pinheiro teve início de forma oficial na província do Paraná a partir de um decreto datado de 1765, do Rei D. João V, de Portugal. Contudo, somente no ano de 1871, o primeiro grande investimento madeireiro próximo ao traçado da futura ferrovia Curitiba – Paranaguá seria instalado em solo paranaense. O autor Nivaldo Krüger, reitera sobre a importância desse projeto para o estabelecimento da indústria madeireira a partir do final do século XIX, dizendo que “os investidores estavam certos porque a construção da estrada de ferro Curitiba – Paranaguá, em 1885, consolidou a exploração da madeira, caracterizando o início do ciclo da ocupação da região pelo seu corte indiscriminado”.⁴¹

A economia do Paraná, ao longo do tempo, assim como a de Santa Catarina, foi dependente, sobretudo, do aparecimento, crescimento, apogeu e a decadência de alguns produtos específicos. Houve um ciclo da erva-mate, um da madeira, do café, e outro dos cereais. Cada um com seu grupo econômico específico, de grandes e pequenos produtores.

A araucária *Angustifolia*, ou pinheiro do Brasil, durante o século XIX era a árvore de maior predominância na região sul do país, caracterizando as

⁴⁰ CARNEIRO, David. **Fasmas Estruturais da Economia do Paraná**. Universidade Federal do Paraná: Curitiba. 1962.

⁴¹ KRÜGER, Nivaldo. **Sudoeste do Paraná: História de Bravura, Trabalho e Fé**. Posigraf: Curitiba. 2004.

paisagens do Paraná e se tornando um de seus símbolos.⁴² Sendo quase todo o estado coberto de matas, a existência da extensa floresta de pinheiros permitiu que a exploração da madeira tenha sido uma das atividades econômicas de maior prestígio da região do Planalto Sul paranaense.

De início, a madeira exportada era retirada do litoral, pois a dificuldade de adentrar ao planalto, onde se concentravam as florestas de araucária, constituíam um grande empecilho para a expansão desta atividade econômica, o que tornou a comercialização da madeira, especialmente a de pinho, dependente das condições de transporte, sobretudo, ferroviário⁴³.

Contudo, a existência de inúmeras dificuldades para o transporte encarecia a madeira, fazendo com que no mercado externo o pinho paranaense não fosse bem aceito, devido ao preço ser elevado se comparado ao de outros países. A falta de cuidados técnicos resultava na derrubada de árvores precocemente, antes da época de corte, o que acarretava na falta de qualidade do produto final, apesar de se tratar de “espécies nobres”, o que dificultava ainda mais a competição com o comércio exterior.

As oportunidades para inserção da madeira paranaense nos mercados externos cresceram somente com o advento da Primeira Guerra Mundial, em meio as quedas de importação e exportação de países concorrentes, como a Letônia.⁴⁴ Foi, no entanto, durante a década de 20 que este produto atingiu importância significativa para a economia brasileira. Para Lavalle, “o século XX, assinala a entrada da madeira paranaense, em larga escala, no mercado internacional, tendo o Estado, por muitos anos, suprido os mercados platinos e alguns mercados europeus.”⁴⁵

A década de trinta também marcou um período de crescimento da indústria extrativista da madeira, devido a decadência das exportações da

⁴² Indicação de leitura “**Pinheiro-do-Paraná**: Símbolo de identificação cultural ou emblema de uma história de desflorestamento?” - Prof^a Dr^a Alessandra Izabel de Carvalho. Publicada em anais da XXVII ANPUH: Natal. 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364563591_ARQUIVO_Alessandra.anpuh2013.pdf.

⁴³ LAZIER, Hermógenes. 2003. Loc. cit.

⁴⁴ STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia. **História do Paraná**: Dos séculos XVI à década de 1950. UEL: Londrina. 2002.

⁴⁵ LAVALLE, 1981. Op. Cit.

erva-mate, pela concorrência da produção ervateira Argentina. Dessa forma, as empresas multinacionais que até então exploravam os ervais no território do vale do rio Negro, passaram a acirrar a disputa pela madeira de lei e sua indústria.

Entretanto, vale lembrar que, quando uma empresa recebia concessão do governo para exploração da erva-mate nem sempre era permitido, também, a exploração da madeira, o que não significava que esta determinação seria respeitada, e, mediante pagamento de taxas, terceirizavam a extração de madeira, que em conjunto com as companhias de colonização, acabaram, por fim, devastando as matas.

“A atividade madeireira foi muito importante para a economia do Estado na primeira metade do século XX. Mas as ações predatórias dos madeireiros acabaram com as matas de araucárias e outras madeiras nobres.”⁴⁶

A serraria tornou-se um estabelecimento comum à paisagem planaltina, resultado do desenvolvimento da malha de transportes criados para exportação do mate, e da demanda interna das cidades paranaenses e catarinenses em franco crescimento. Entretanto, a exploração da madeira era realizada de maneira totalmente predatória e itinerante. Mudavam-se os serradores de lugar à medida que as florestas iam se esgotando, em razão da madeira nativa ser encontrada em abundância. No sul, sudeste e oeste encontravam-se em grande quantidade além do Pinheiro; Imbuías; Perobas; Canelas; Cedros e Erva-mate.

Dessa maneira, a ascensão da madeira no início do século XX, viria a prejudicar ainda mais a indústria ervateira, que com a derrubada das araucárias, e conseqüentemente, da erva-mate presente em seus sub-bosques, perdia sua matéria-prima de produção.

⁴⁶ STECA; FLORES, 2002. Op. Cit.

4.2 Disputa entre terras: A Guerra do Contestado no cenário da Erva-mate

Empresas de grande porte, como Brazil Railway Company, responsável pela ferrovia São Paulo – Rio Grande do Sul, desde 1906, que viria a receber extensas faixas de terra do governo paranaense, e que posteriormente viria a fundar a Companhia subsidiária Southem Brazil Lumber and Colonization Company⁴⁷ (1908), se instalaram na região. Estabelecendo serrarias em territórios na margem esquerda do rio Negro, que mais tarde seriam reivindicados pelo Estado de Santa Catarina, a estrada desapropriou os sertanejos que exploravam os ervais existentes, não só nestas terras, mas naquelas em que a indústria madeireira buscava se apossar através da derrubada de araucárias.

Expulsos dos ervais, aos sertanejos foi permitido permanecer somente aqueles que se sujeitassem a trabalhar para os empresários do mate ou madeireiras. Aos que não aceitassem as condições impostas, muitas vezes insalubres, restava o afastamento do vale do rio Negro, e conseqüentemente o agrupamento em redutos próximos.

Para Paulo Pinheiro Machado⁴⁸, as lideranças sertanejas, além da atuação de políticos, fazendeiros e coronéis, foram de primordial importância para a contestação de terras entre os estados de Santa Catarina e Paraná, entre o final do século XIX e início do XX, salientando, ainda, o envolvimento de comerciantes, fabricantes, e exportadores do mate, devido a intensa disputa de limites no planalto, onde situavam-se as principais reservas nativas de erva-mate.

A atuação das companhias colonizadoras, por outro lado, também merece destaque no que diz respeito a ocupação das terras e sobretudo, a concessão destes territórios, já ocupados, pelos governos, para os imigrantes recém-chegados.

⁴⁷ Indicação de leitura: **“As origens da indústria madeireira e do desmatamento da floresta de araucária no Médio Vale do Iguaçu (1884-1920)**. Miguel M. Xavier de Carvalho. Publicado nos Cadernos do CEOM, n. 29.

⁴⁸ MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.

Como a questão de limites deveria ser resolvida entre as duas Províncias, a Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo, apesar de ter comprado as terras do Governo Federal como devolutas, não podia tomar posse de vasta área ao sul do rio Negro, pois a mesma tinha sido vendida a colonos paranaenses pelo governo do Paraná, então tinham sido vendidas duas vezes.⁴⁹

Essa situação, por sua vez, acirraria, não somente a corrida por terras, mas ainda mais a disputa dos ervais da região. Entretanto, a presença de colonos brasileiros foi fundamental para a instalação dos europeus. Auxiliando na derrubada das matas e a preparação da roça, além do manejo da erva-mate desconhecida pelos novos habitantes. “Sempre havia um intenso intercâmbio entre colono e caboclo, principalmente em produtos naturais, fumo, mate, gado bovino em troca das necessidades do caboclo em produtos manufaturados”.⁵⁰

Contudo, não possuindo o título de posse definitivo, fornecido pelos governos do estado, os sertanejos tornaram-se “intrusos”⁵¹ em seu próprio território, sendo expulsos para a continuidade do processo de colonização previsto pelas companhias. Quem primeiro desapropriou os sertanejos, no entanto, foram os empresários do mate, e não os da madeira ou da ferrovia, em função de leis que garantiriam o monopólio dos ervais aos grandes produtores, como por exemplo a Lei de 1870 que proibia a exploração de terras devolutas sem a autorização da Câmara Municipal de Mafra controlada pelo governo estadual, e conseqüentemente, pelo poderio empresarial.

Retirados à força de suas terras, e proibidos de usufruir dos ervais, sua principal fonte de renda, no final do século XIX, os sertanejos residentes nessa região tiveram que se submeter à ação dos grandes latifundiários, ou a irmandades religiosas, gerando conflitos, que se somados a outros

⁴⁹ MAFRA, 2008. Op. cit.

⁵⁰ FICKER, 1973. Op. cit.

⁵¹ MAFRA, 2008. Op. cit.

desentendimentos interestaduais, relacionados demasiadamente a questão de limites territoriais, eclodiram na Guerra do Contestado (1912 – 1916).⁵²

Somente em 1917, com o fim do conflito, o projeto de colonização foi retomado com o loteamento de toda a região para o estabelecimento oficial dos imigrantes e a posse sertaneja. “No início, a extração de madeira e erva-mate conviviam com a agricultura e pecuária de subsistência.”⁵³ Entretanto, com a diminuição da exportação da erva-mate, na década de 30, onde o preço da erva em perspectiva internacional decaía em função da ascensão do mercado argentino, que investe, neste mesmo período, em reflorestamentos, se tornando autossuficiente e se transformando uma grande concorrente no mercado com seu próprio produto. A crise econômica de 1929, atinge o mercado interno e muitas empresas do mate nacional tiveram que encerrar suas atividades.

A Mata Atlântica sofreu grandes transformações durante todo o ciclo da erva-mate, com a abertura de estradas e vias de transporte, e também na fundação de vilas e cidades que estabeleceriam a exploração e o comércio desse produto. Após seu declínio, as antigas florestas onde eram encontrados os ervais abriam espaço aos enormes tapetes verdes, onde seriam cultivadas a soja, o milho e demais grãos.

A cultura da erva-mate, por sua vez, dentro das pequenas famílias ainda pode ser encontrada nas altitudes do Planalto. Um chimarrão cevado a partir de pacotes industrializados e fabricados, muitas vezes, em regiões longínquas por falta de um comércio local, poderá ser encontrado em várias casas do atual vale do rio Negro. Contudo, produções independentes e carijos familiares atualmente são pouco encontrados na região. A erva-mate continua fazendo parte do dia-a-dia do Norte catarinense e do Sul do Paraná, entretanto não mais no centro da economia e nas cargas das grandes redes de transporte, mas sim na “cuia e bomba” de pessoas comuns que pouco sabem da importância histórica deste produto para a região que habitam.

⁵² Indicação de leitura: “**100 ANOS DO CONTESTADO**: memória, história e patrimônio”. Org. Arno Wehling; et al. Memorial Ministério Público de Santa Catarina: Florianópolis. 2013. “**O Contestado e a Guerra do Contestado**”. José Kormann. Nova Letra: São Bento do Sul. 2012.

⁵³ MAFRA, 2008. Op. cit.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A erva-mate foi o produto que deu maior rendimento econômico ao Paraná a partir de meados do século XIX. Pioneiro na exploração comercial, foi também o primeiro exportador brasileiro em larga escala do produto. Na região sul, principalmente nas áreas localizadas nos vales dos rios Negro e Iguazu formavam-se grandes reservas de ervais nativos. Assim, a região tornou-se importante centro fornecedor de matérias-primas para preparo da erva.

É fato histórico o sustento e a riqueza que dela se originam. Toda a riqueza verde nativa, antes utilizada pelos indígenas, serviu durante anos como capital pioneiro para o desenvolvimento das províncias, bem como, depois, aos estados sul brasileiros.

Sendo um produto com grandes mercados no Uruguai, Argentina e Chile, além do Rio Grande do Sul, teve seu preço aumentado, o que despertou o interesse de grandes fazendeiros e proprietários de terras, que enxergavam no mate a possibilidade de grandes lucros.

Para o transporte da erva-mate foram utilizados, no decorrer de muitos anos, diversos meios, sendo eles através de animais, carroças, barcas, vapores, até o estabelecimento da principal via de exportação, em meados do século XIX, o trem, impulsionando ainda mais o progresso da indústria ervateira. A construção de estradas de ferro, ligando o Planalto norte catarinense e sul do Paraná, aos centros de beneficiamento, facilitou o comércio do produto, trazendo, desta maneira, um maior desenvolvimento da região.

Sendo a erva-mate acondicionada em barricas que eram exportadas para outros países, criou-se outra categoria: os tanoeiros, ou seja, os fabricantes de barris do vale. Dessa forma, o ciclo madeireiro foi então paralelo ao da erva-mate, e trouxe também, até certo ponto, um “progresso” regional. Surgem, assim, os grandes madeireiros.

Entretanto, o grande desenvolvimento regional embasado na super exploração dos ervais contribuiu para o crescente desmatamento das florestas nativas durante os séculos XIX e XX, dando abertura para a instalação de

grandes serrarias que a longo prazo tornaram-se responsáveis pelo declínio da indústria ervateira.

Desta maneira, ao tratarmos a importância econômica desse produto como fator de desenvolvimento da região, entretanto, não podemos perder a perspectiva de que a erva-mate contribuiu para concentrar a riqueza nas mãos de poucos além disso retirou sertanejos, que não possuíam o título de propriedade de suas terras, obrigando os mesmos a entregar seus ervais para os poderosos empresários do mate.

Até 1930, os empresários do mate eram os grandes líderes da economia regional. A partir deste ano, a economia ervateira começa a declinar. Os ervais são derrubados e transformados em terras agrícolas. Os grandes Pinheiros e Imbuías perdem espaço nas paisagens e são transformados em madeira para exportação.

Esse mesmo declínio de lucro gerado, sobretudo, pela concorrência dos países vizinhos reverteu em um gradual decréscimo dos investimentos governamentais para a atividade ervateira, a qual notoriamente se restringiu somente a época dos grandes recordes de exportação. Dessa forma, os ervais começavam a desaparecer, e a indústria da madeira ganhava um prestígio cada vez maior com a chegada de grandes companhias de exploração que se instalavam na região, a qual em conjunto com as sociedades colonizadoras, geraram conflitos envolvendo sertanejos, imigrantes e governos estaduais em função da ocupação de terras.

Desta maneira, é possível verificar que a erva-mate contribuiu para acirrar a disputa interestadual que levou à Guerra do Contestado, e enriqueceu coronéis do Paraná e também de Santa Catarina, através de uma exploração desenfreada dos ervais nativos e da gradual perda da cobertura florestal desta região.

A perda de sensibilidade com as questões socioambientais relacionada aos usos econômicos da mata em prol do desenvolvimento regional do vale do rio Negro, deve ser resgatada através dos recursos disponibilizados pela história. É fácil, aliás, perceber o importante papel desempenhado pelo mate na economia catarinense e paranaense, não sendo difícil imaginar todo o “luxo e

esplendor” desses tempos, para uma parcela ínfima da população regional. Entretanto, a quais preços?

O conflito interestadual; a desapropriação de terras; a pobreza sertaneja; e o desmatamento são alguns das muitas heranças deixadas pela exploração da erva-mate. Enquanto muito se fala do desenvolvimentismo gerado, muito se esquece das consequências deste ciclo econômico, que ainda hoje deixa suas marcas em solo contestado, que por sua vez, deixou de ser referência nacional na exportação de erva-mate devido a inexistente preocupação ambiental do período, que por fim, acarretou na perda quase total de seus ervais nativos.

Encerrando este trabalho cabe citar que “desta maneira, como historiadores temos que, pelo menos, tentar recuperar a história desta relação homem/floresta e passar para as gerações futuras algumas preocupações que devem estar presentes na nossa vida e na das gerações futuras de que a natureza não é, como nossos avós pensavam, “um bem inesgotável e, portanto, não precisava ser preservado. ””.⁵⁴

⁵⁴ NODARI, Eunice Sueli. **Um olhar sobre o Oeste de Santa Catarina sob o viés da História Ambiental**. História. Debates e Tendências. Passo Fundo, v. 9, 2009.

BIBLIOGRAFIA

BOSSLE, Ondina Pereira. **História da industrialização catarinense**. Florianópolis: CNI, 1988.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Secretária da Educação: Florianópolis. 1968.

CARDOSO, Inácio Capistrano, apud. SILVEIRA, Hemeterio José Velloso da. citado por GERHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva-Mate**. 2013. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CARNEIRO, David. **Fasmas Estruturais da Economia do Paraná**. Universidade Federal do Paraná: Curitiba. 1962.

CORDEIRO, Cíntia Maria. **Um olhar histórico da cidade de Rio Negro - PR. 2010**. 191 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Faculdade de Educação e Tecnologia da Região Missioneira - Fetremis, São Paulo das Missões, 2010.

COSTA, Samuel Guimarães. **A Erva-Mate**. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

FICKER, Carlos. **São Bento do Sul** – subsídios para a sua história. Joinville: Ed. Ipiranga, 1973.

GERHARD, 2013. p. 89, apud. **Centenario da Colonização Alemã: Rio Negro – Mafra, 1829 – 1929**. Curitiba: Editora Olivero, 1929. p. 148 – 192. Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC) e Acervo pessoal de Maria da Glória Foohs.

IBGE. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Vol. 1. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2012.

KORMANN, José. **São Bento do Sul**. Rio Negrinho, 1990.

KRÜGER, Nivaldo. **Sudoeste do Paraná: História de Bravura, Trabalho e Fé**. Posigraf: Curitiba. 2004.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná: Terra de todas as gentes e de muita História**. Francisco Beltrão, 2003.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias Caboclas**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.

MAFRA, Antonio Dias. **Aconteceu nos Ervais: A disputa territorial entre Paraná e Santa Catarina pela exploração da Erva-Mate - Região sul do vale do rio Negro**. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade do Contestado - Unc, Canoinhas, 2008. Disponível em:

<http://www.unc.br/mestrado/editais/dissetacao_mafra_seguranca.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2016.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil**. Pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

NODARI, Eunice Sueli. **Um olhar sobre o Oeste de Santa Catarina sob o viés da História Ambiental**. História. Debates e Tendências. Passo Fundo, v. 9, 2009.

OLIVEIRA, Yeda Maria Medeiros; ROTTA, Emílio. **Área de distribuição natural de erva-mate (Ilex Paraguariensis St.Hill)**. Anais do X Seminário sobre atualidades e perspectivas florestais: silvicultura da erva-amte. Curitiba: Embrapa/IBDF, 1985, p. 28.

PAGANINI, Juliana. O trabalho infantil no Brasil: uma história de exploração e sofrimento. In: **Amicus Curiae**. V. 5, n. 5. Criciúma: UNESC, 2011.

PENTEADO, Joel. Org. **Erva-mate: perguntas e respostas**. Brasília: EMBRAPA, 2017.

RODYCZ, Wilson Carlos (Org.). **Colônia Lucena: Itaiópolis**. Florianópolis: BRASPOL - Representação Central da Comunidade Brasileiro-polonesa no Brasil, 2002.

SANTOS, Leandro dos; MILAN, Pollianna. Por entre florestas, barbaquás e engenhos. In: **Erva-mate o ouro verde do Paraná**. Curitiba. Jornal Gazeta do Povo. Disponível em < <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/erva-mate/origens.jpp> >.

SANTOS, Leandro dos. O início de uma tradição. In: **Erva-mate o ouro verde do Paraná**. Curitiba. Jornal Gazeta do Povo. Disponível em < <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/erva-mate/origens.jpp> >.

SOUZA, Maurini de. Publicidade como fonte histórica: Revista da Semana. In: **Anais: I RECOM – Comunicação e Processos Históricos**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia: Cachoeira. 2015.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia. **História do Paraná: Dos séculos XVI à década de 1950**. UEL: Londrina. 2002.

STEFFENS, Ivana; BOSSI, Maria Cristina. **O transporte da erva-mate no sul do Paraná: Alguns aspectos**. 2007. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade do Contestado, Mafra, 2007.

URBAN, Teresa. **O Livro do Mate**. Rio de Janeiro: Imprinta Gráfica e Editora. 1990.

WALCHOWICZ, Rui Cristowan. **História do Paraná**. 6. Ed. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1976.

FONTES

GERHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva-Mate**. 2013. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2013.

HEMPEL, Antônio. **Os poloneses no Brasil** – Lwów, 1893. In: Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa. Vol. VII, pág. 12/99. Ed. da Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa do Paraná, tradução de Francisco Dranka, Curitiba: 1970.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Descida da Serra de Paranaguá. In: **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**. Tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo. 1978.

Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, 1969, v. VX.

Centenario da Colonização Allemã: Rio Negro e Mafra, 1829 - 1929. Curitiba: Editora Olivero, 1929. p. 150. Biblioteca Pública de Rio Negro – PR.

Emilio von Linsingen & Cia. **Industriaes e Comerciantes**. Rio Negro. 1923.